

PESCA FEMININA E SUSTENTABILIDADE NA BAÍA DO IGUAPE /BAHIA

Jeruza Jesus do Rosário¹

RESUMO: *O artigo procura fazer discussões acerca das relações entre cultura e espaço vivenciadas no cotidiano da mulher pescadora na Reserva Extrativista Baía do Iguape/Bahia através do contexto de cultura e região.*

Palavras-chave: Cultura; Espaço; Cotidiano; Mulher pescadora

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto das pesquisas realizadas até o momento sobre o cotidiano da mulher pescadora na reserva extrativista marinha Baía do Iguape/Bahia, localizada no Recôncavo Sul Baiano. Traz a preocupação com o comportamento espacial das manifestações culturais como: religião, crenças, rituais, artes, forma de trabalho, enfim, tudo que resulta da criação ou transformação do homem sobre a natureza ou das relações com o espaço, levando em conta a perspectiva de que a subjetividade existe e é com base nela por onde deve-se orientar os trabalhos acadêmicos.

Para a realização deste artigo, utilizo a contribuição de informações acerca da mulher pescadora colhidas informalmente em conversas com estas mulheres e pessoas outras ligadas ao seu cotidiano quando do início das pesquisas em março de 2007 até hoje; estas fontes estão sendo utilizadas de modo atento, tendo em vista que, nem sempre, devemos utilizá-las como comprovação de constatações, e sim, como instrumento constitutivo do raciocínio que dará forma à pesquisa.

A compreensão da realidade social impõe que se teorize sobre os processos de construção de experiências e de significados, já que uma concepção social da cultura torna-se, a partir daí, ferramenta analítica de primeira hora.

Toma-se, também, a importância da acentuação da leitura do espaço em paralelo com a história dessas mulheres afim de apreender o modo como elas vivenciam, definem e redefinem o seu espaço.

A MULHER PESCADORA E O COTIDIANO

A natureza e o espaço socialmente produzido do qual o homem é parte integrante, constituem o ambiente geográfico. Este, contudo, não é vivenciado nem percebido do mesmo modo pelos diversos grupos sociais diferenciados entre si segundo um amplo leque de atributos que se combinam de modo complexo: renda, sexo, idade, as práticas espaciais associadas ao trabalho, crenças, mitos, valores e utopias. A percepção do ambiente tem uma base eminentemente cultural.

No caso específico das mulheres pescadoras da Baía do Iguape, têm-se exemplos de pessoas descendentes de tantas outras que, ao longo da história, para sobreviverem, adequaram-se à necessidade de negociar com situações adversas na necessidade da busca do sustento;

¹ Aluna do curso de mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional da UNEB/Campus V

mulheres lançaram-se na pesca, atividade reconhecidamente masculina, pois, sem escolha, teriam que alimentar seus filhos, suas famílias de alguma forma; disto, desenvolveu-se a forma de trabalho pesqueiro feminino e, conseqüentemente, espaço para a construção de alternativas de luta já que, cada vez mais, um contingente cada vez maior de mulheres constituem um grupo que cresce em busca de direitos igualitários, socialmente justos, onde a cultura vai se delineando. A exemplo desta realidade, tem-se o trecho de Chauí (1993, p. 123) a seguir:

Ora, seres e objetos culturais nunca são dados, são postos por práticas sociais e históricas determinadas, por formas de sociabilidade, da relação intersubjetiva, grupal, de classe, da relação como o visível e o invisível, com o tempo e o espaço, com o possível e o impossível, com o necessário e o contingente. Para que algo seja isto ou aquilo é preciso que seja assim posto ou constituído pelas práticas sociais.

O cotidiano das pescadoras, pelo que já foi apreendido pela pesquisa até agora, constitui uma história de resistência e de busca de uma vida melhor para as comunidades em que vivem. A história que se faz perceber, a partir das pescadoras ouvidas, se expressa nas lembranças e no conhecimento que possuem sobre a pesca no manguezal repassado de geração em geração. A mulher pescadora vivencia um momento histórico de tentativa de saída da invisibilidade, colocando em discussão a importância de seu trabalho e a necessidade de valorização da mulher trabalhadora do manguezal.

Assite-se hoje a diversas tendências e debates no Brasil e no mundo que, de um lado, afirmam a diversidade feminina com as suas várias possibilidades de participação e construção social e propõem uma abordagem específica para a crise ambiental, destacando a conexão especial das mulheres com a natureza, e de outro, criticam a referência a essa conexão como um possível reforço à exclusão das mulheres da cultura em repetição ao processo que se arrasta até hoje. Conflitos ideológicos à parte, é interessante ressaltar a importância da busca da diversidade, ou seja, prestar atenção no cotidiano desta mulher para que se perceba o diferente, o que se consegue a partir do olhar plural sobre o que se está pesquisando, o que, ao mesmo tempo, enriquece a produção do conhecimento, pois diminui as chances de conjecturas unilaterais: verificar a multiplicidade, no caso desta pesquisa que se desenvolve, da pluralidade de histórias e pensamentos da mulher trabalhadora no manguezal da Baía do Iguape através de seu cotidiano, tendo em vista que o cotidiano é individual e não soma de individualidades.

Natureza e cultura estão colocadas tendo por referência os processos naturais nos quais os seres humanos se inserem, dos quais retiram o seu conhecimento e sua vida e as construções culturais humanas derivadas do conhecimento e do saber, se apóiam na realidade natural. É nesta realidade que se constituem ambientes onde os indivíduos são ativos destes processos naturais e se reconhecem como agentes construtores e modificadores de seu espaço através da cultura que se desenha.

As formas espaciais, através das quais os símbolos ganham materialidade, constituem, por outro lado, meios através dos quais a cultura é modelada. A percepção do ambiente tem fortes raízes culturais. As formas espaciais, através das quais o simbolismo ganha materialidade, constituem, por outro lado, meios através dos quais a cultura é modelada, o que possibilita uma melhor compreensão do tempo x espaço.

Formular uma teoria da cultura tem sido um desafio na medida em que remete à reflexão para debates constitutivos da sua própria identidade científica, em especial para aquele que se pergunta pela natureza da ação e pela produção da ordem.

COTIDIANO E CULTURA

O contato com a riqueza da região, aguçado pela vivência do mundo simbólico das pessoas já ouvidas até agora, leituras sobre as festas e comemorações religiosas, direciona a pesquisa, ainda mais, para os aspectos culturais marcantes desta população. Isto é refletido na incorporação, ao trabalho, do levantamento das histórias do cotidiano da mulher pescadora em seu espaço de vivências, o que evidencia que espaço e tempo não devem ser separados jamais ou, caso contrário, não se consegue expressar, claramente, pela linguagem o que se quiser dizer.

Para a otimização da utilização de informações adquiridas em conversas com as mulheres pescadoras, tem-se a contribuição da geografia cultural que é trazida para este estudo por conta desta considerar os sentimentos e as idéias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência vivida. É uma geografia do lugar. A relevância é estabelecida à medida que as referências culturais determinem as ações da sociedade sobre a natureza. As discussões sobre cultura vêm desestabilizando os paradigmas. Anteriormente, os conceitos estruturalistas se pretendiam universais, atualmente, certamente pelo advento da globalização e da pós-modernidade, tem-se o convite ao mergulho nas particularidades, o que propõe um momento criativo na produção do conhecimento de rompimento com a mesmice, possibilitando perceber as diferenciações que se inter cruzam.

A cultura prediz um desenvolvimento íntimo de negociação e produção com o mundo em paralelo com o materialismo a partir da realidade produzida pelas pessoas; os indivíduos produzem cultura enquanto produzem a si próprios a partir das várias maneiras de viver, amar, escrever, festejar, enfim, registrar, conscientemente ou não, a sua existência no mundo. Uma teoria na perspectiva social da cultura sustenta-se em um outro requerimento de partida: supõe que à cultura seja conferida alguma possibilidade de autonomia. Vale dizer, que as relações sociais possam ser investigadas a partir da estrutura e significados internos à própria cultura. Ressalta-se aqui a necessidade de sensibilidade para se ler o espaço, já que a mulher pescadora tem no seu cotidiano o desenvolvimento de espaços legíveis que expressam a cultura em seus diversos aspectos, possuindo uma faceta funcional e outra simbólica. Isto nos traz os conflitos observados diante da tendência em encarar o espaço como atributo objetivo das coisas que pode ser medido e, portanto, apreendido, conforme Harvey (1993, p.188).

A pesquisa também traz a contribuição do Ecofeminismo, movimento social surgido no início dos anos 90 do século XX, cujo ponto é a associação da mulher à natureza, principalmente, no que diz respeito à sustentabilidade, tendo em vista que o presente estudo desenvolve-se dentro de uma reserva extrativista marinha. O Ecofeminismo² sugere o reconhecimento de que, apesar de o dualismo natureza-cultura ser um produto da cultura, podemos, conscientemente, escolher a aceitação da conexão mulher-natureza, participando da cultura, reconhecendo que a desvalorização da doação da vida tem conseqüências profundas para a ecologia e as mulheres.

A mulher pescadora vivencia um momento histórico de tentativa de saída da invisibilidade, colocando em discussão a importância do seu trabalho e a necessidade de valorização da mulher trabalhadora do manguezal. Aliado a isto, também vem à tona o problema da destruição dos mangues que ameaça a vida nas comunidades, pois contribui com a redução dos estoques naturais de pesca e o aumento da pobreza, caracterizando um cenário do ponto de vista cultural, social, econômico e ambiental.

² King, Ynestra. The Ecology of Feminism and the Feminism of Ecology. In: DI CIOMMO, Regina Célia. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. Rev. Estudos Fememnistas, jul./dez. 2003, vol.11, no.2, p.423-443.

COTIDIANO E ESPAÇO

Uma visão crítica deverá insistir para que as mulheres sejam tratadas exatamente como completos seres humanos e como partes completas da cultura como os homens, mas necessita, também, mostrar que ambos devem mudar suas concepções dualizadas da identidade humana e desenvolver uma cultura alternativa, a qual reconheça a ligação histórica da identidade humana com a cultura, passando a aceitar sua identidade também com a natureza.

Nesta pesquisa, assume-se o compromisso de vigilância em enxergar a grande gama de diversidade, dentre as mulheres na Baía do Iguape, apesar da homogeneidade tentadora que se apresenta frente à figura das pescadoras: perceber o lugar de estudo a partir das heterogeneidades que compõem a homogeneidade; superação do feminismo da igualdade, bem como das correntes que pretenderam uma inversão da dominação, é necessária porque estas não criticaram a construção dualística de mulher/natureza e cultura/natureza³. As discussões levantadas deverão analisar as comunidades em estudo a partir das diferenças. É de extrema importância estar atento para que a utilização das fontes se dê de maneira onde estas façam parte da narrativa não só para comprovar, como já comentado, mas, também, contribuir nas reflexões no sentido em que se possa entender os formatos, os falares e as atitudes como são construídas a partir da análise textual do que for coletado.

Outro ponto é a verificação do espaço em que se faz a pesquisa: necessário que se faça um acompanhamento da trajetória espacial da porção onde se descortina o cotidiano da mulher pescadora; deixar o espaço aparecer como fruto das realidades experimentadas na vida pelas pessoas envolvidas e descobrir a forma como esta mulher pensa o seu espaço, já que o espaço é fruto do que se vive. Essas mulheres estão buscando com habilidade e criatividade construir seus próprios rumos e saídas para garantir uma vida melhor para as atuais e futuras gerações. Aqui neste ponto, é interessante observar Santos (1997, p. 264), quando diz que sabemos também que os eventos apagam o saber já constituído, exigindo novos saberes. [...] depende cada vez menos da experiência e cada vez mais da descoberta.

É estranho uma afirmação como esta, desde quando a linha desta pesquisa norteia-se na crença na negociação entre as forças de resistência e do chamado triunfo da globalização no trecho destacado de Hall que segue este parágrafo. A despeito da globalização, já que se trata de uma pesquisa em torno da mulher produtora que constitui também o mundo capitalista, em suas múltiplas facetas, não se verifica a uniformização do planeta. Ao contrário, diferenças de natureza cultural têm se acentuado, levando mesmo a se minimizar a idéia de que a organização espacial seja inteligível apenas com base nos processos de produção, o que pode ser percebido no trecho de Hall (2000, p.97) a seguir:

Entretanto, a globalização não parece estar produzindo nem o triunfo do “global” nem a persistência, em sua velha forma nacionalista, do “local”. Os deslocamentos ou os desvios da globalização mostram-se, afinal, mais variados e mais contraditórios do que sugerem seus protagonistas ou seus oponentes.

Como matriz cultural, o espaço, através de muitos de seus elementos, serve como mediação na transmissão de conhecimentos, valores ou símbolos, contribuindo para transferir de

³ Plumwood, Val. Feminism and Ecofeminism: Beyond the Dualistic Assumptions of Women, Men, and Nature. Feminism and Ecology. Society and Nature, Littleton: Agis, v.2, n.º1, 1993, p. 36-51. In: DI CIOMMO, Regina Célia. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. Rev. Estud. Fem., jul./dez. 2003, vol.11, no.2, p.423-443.

uma geração a outra, o saber, crenças, sonhos e atitudes sócias. Estes muitos elementos jamais poderão ser competentemente analisados em determinado estudo caso não lhe seja conferida a necessária singeleza e astúcia analítica. Santos (1997, p. 253) aborda este ponto como uma dada situação que não pode ser plenamente apreendida se, a pretexto de contemplarmos sua objetividade, deixamos de considerar as relações intersubjetivas que a caracterizam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O momento criativo é de rompimento com a pasmeira da falta de originalidade. O espaço caracteriza-se por conter simbolismos que derivam de valores culturais que ali se acham enraizados e que existem na medida em que são usados. O espaço deve ser analisado de vários ângulos para que se tenha uma visão inteira, totalizadora. A leitura do espaço ganha importância a partir da infinita quantidade de possibilidades que se apresentam. O olhar deve ser treinado sobre o espaço para que se consiga perceber a riqueza de seus detalhes, de suas pistas, de seus pormenores. A leitura dos textos trabalhados na disciplina Cultura e Região serviram bem como alerta para as várias realidades brasileiras que constituem, através da cultura e do espaço, campos de luta.

É necessário aos estudiosos ampliarem a sua contribuição para a compreensão da sociedade brasileira através das diversas facetas da cultura em suas dimensões espaciais, a exemplo da cultura popular em suas múltiplas manifestações e variação espacial, buscando o que está “escapolindo”, ou seja, encontrar pistas de fatos que estejam fugindo à regra do que se pensa comumente para conseguir atingir o heterogêneo, e é o que se tenta fazer acerca deste estudo do cotidiano da mulher pescadora na Baía do Iguape.

As localidades pesquisadas, Maragojipe, Nagé, Coqueiros e São Roque do Paraguaçu, devem ser pensadas como partes integrantes do Brasil, e este ser pensado como tal, não podendo perder o elo com o todo, a visão macro. Lembrar de perceber as peculiaridades, ou seja, não enxergar somente em único plano, pois toda a produção existente serve e muito, mas novos olhares são necessários para a diversidade do mundo. Os temas da geografia cultural fornecem uma moldura para a compreensão dos elementos culturais à geografia mundial. A explicação do presente, porém, só é possível através do entendimento de algo do passado. A geografia do mundo está mudando continuamente e a moderna geografia cultural inclui elementos da geografia do passado, bem como elementos das forças de mudança que criaram o mundo atual. Os valores acabaram concebidos como generalizações de comportamentos atuais antes das derivações dos processos de simbolismo e significação, que deveriam estar na raiz desses mesmos comportamentos, e assim serem analisados.

Interpretar os fenômenos da vida social, neste tipo de abordagem, é compreender a “experiência” através da qual o indivíduo constrói a sua vida interior e se capacita a interpretar a de outrem; esta se resolve na descoberta dos significados, na interpretação do sentido interno e subjetivo das estruturas culturais que se espraiam pelos diversos espaços.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, São Paulo: Edições Loyola, 1993.

ISNARD, Hildebert. **O Espaço Geográfico**. Coimbra, Almedina, 1982.

DI CIOMMO, Regina Célia. **Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade**. Revista de Estudos Feministas, Jul./Dez. 2003, vol.11, no.2, p.423-443.

PLUMWOOD, Val. **Feminism and Ecofeminism: Beyond the Dualistic Assumptions of Women, Men, and Nature**. Feminism and Ecology. Society and Nature, Littleton: Agis, v.2, n.º1, 1993

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo/razão e emoção**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.